

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15339 - Resumo Expandido - Trabalho - 5ª Reunião Científica Regional da ANPEd Norte (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 20 - Psicologia da Educação

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA COMUNITÁRIA DE UMA ESCOLA RIBEIRINHA NA AMAZÔNIA: PRÁTICAS E SABERES NA RELAÇÃO ESCOLA – COMUNIDADE A PARTIR DE UMA ESCUTA ESQUISSIONALÍSTICA.

Rogério Lima Barreto - INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RONDÔNIA

Rafael Fonseca de Castro - UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

Agência e/ou Instituição Financiadora: IFRO

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA COMUNITÁRIA DE UMA ESCOLA RIBEIRINHA NA AMAZÔNIA: PRÁTICAS E SABERES NA RELAÇÃO ESCOLA – COMUNIDADE A PARTIR DE UMA ESCUTA ESQUISSIONALÍSTICA.

Resumo: O presente artigo discute algumas questões relativas à produção da subjetividade a partir do referencial esquizoanalítico de Deleuze e Guattari. Pensando nisso aplicou-se pensamentos da Esquizoanálise e sua perspectiva de formação da subjetividade. Com o avanço das cidades no que tange o “ demográfico das metrópoles “ , muitas vezes de forma desordenada, comunidades ribeirinhas são afetadas, com significativas alterações em seu modo de vida, ora em nas questões ambientais, econômicas e sociais. Isso tudo altera o modo de vida dessas famílias. Busca-se estudar modos e agenciamentos aplicados na escola na produção de subjetivação, no âmbito de modificações ora causados pelos avanços das metrópoles. Nesse sentido o estudo busca entender a comunidade e a educação em seus aspectos sociais e históricos, observando o cotidiano escolar, práticas, e a relação escola-comunidade. A pesquisa, será qualitativa, e ancorada ao estudo de caso etnográfico, com procedimento de investigação, leitura de documentos, entrevistas e o uso da cartografia aliada aos estudo do cotidiano da comunidade. A leitura dos dados será feita com base no aporte teórico fornecido principalmente pela análise institucional e esquizoanálise. A pesquisa visa estudar e entender essas alterações causadas pela expansão demográficas e as alterações no modelo pedagógico original que ora contempla o dia dia escolar bem como a construção de outros processos de subjetivação que alie ao projeto de escolarização do ambiente de educação rural.

Palavras-chave: 1- Cotidiano Escolar; 2- Escola Rural Ribeirinha; 3- Esquizoanálise; 4- Análise Institucional; 5- Produção de Subjetividades

Introdução

Toda formação urbana ocorrida de forma rápida e desordenada provoca várias convulsões sociais e problemas econômicos – estruturais. Isto pode ser observado na região amazônica, aliada a produção industrial na sociedade capitalista. Com o meio ambiente não é diferente devido ao avanço desenfreado da ocupação urbana, diversas áreas de risco que necessitam de preservação ficam suscetíveis e trazem problemas, como a precarização da sua economia, mudança em suas culturas e resumo em seu modo de vida original [1], [2]. Fica

aqui a lamentável constatação de que os governantes de hoje e os de períodos históricos outros, “democráticos” e “não democráticos”, jamais deixaram de entender a Amazônia como um quintal de exploração, e não como um patrimônio ambiental que deve ser resguardado. E cabe também salientar que essa forma desordenada de ocupação vai de encontro aos processos históricos, sociais e culturais desses povos ribeirinhos.[3], [4]. De forma correlata e considerando a relevância do tema, o trabalho visa contribuir para o desenvolvimento de iniciativas acadêmicas que estejam em consonância com a Portaria Normativa INTERMINISTERIAL MinC/MEC nº 1 de 04/10/2007, que tem como um de seus objetivos:

IV - promover a formação de professores, gestores, estudantes e comunidades para a valorização, reconhecimento e regulamentação dos saberes tradicionais, da diversidade étnico-racial, social e cultural e do patrimônio material e imaterial, mediante atividades que garantam resultados práticos, como publicações, audiovisuais, exposições e novas metodologias. (BRASIL, 2007). [5]

Santos (2005), tomando como referência o meio rural, afirma que, historicamente, os recursos da diversidade biológica e os conhecimentos tradicionais a eles associados têm sido apropriados através de estruturas e estratégias que degradam o ambiente e disseminam a exclusão social entre as populações tradicionais.[6] A região amazônica é um rizoma em pleno movimento, com intensa atividade humana sempre em busca de alguma coisa e sempre, de contra corrente as velhas investidas e danosas demanda das indústrias e das expansões das metrópoles, a Amazônia tenta-se manter sua singularidade e suas marcas originais no que se refere ao seu patrimônio natural, histórico, social e cultural.

O Decreto Federal – nº 6.040/2007 – vem em momento oportuno defender as populações tradicionais do Brasil, Decreto supramencionado, povos e comunidades tradicionais, habitantes do sertão, pantaneiros, ribeirinhos, seringueiros e outros... Dessa forma surge uma esperança no sentido de que possa ordenar e criar regras e políticas públicas para que sirva de unguento aos povos da Amazônia.[8] Nesse interim a base familiar tocante ao social, cultural e as políticas econômicas ribeirinhas se dividem a mesma faixa territorial bem como seus costumes e saberes. Na maioria das vezes os problemas ora “ premiados “ pelo avanço de culturas metropolitanas e industriais são solucionados entre os próprios vizinhos, parentes que juntos buscam se fortalecer em laços de solidariedade.

A população amazonense encontrou um estilo próprio para resistir, uma maneira de enfrentar a voracidade de tantos projetos e até mesmo de sobreviver às elites regionais [...] É uma leseira amazonense, identificada também como uma resistência. Quando o nativo da Amazônia se olha no espelho, vê lá no fundo dos seus olhos um sinal de que não foi feito para obedecer a certas leis, especialmente econômicas. Por isso, a leseira é algo alusivo, pode ser uma forma aguda de esnobismo ou uma ironia. Ela é, às vezes, pacífica; outras vezes, ostensiva, mas nunca rápida demais a ponto de ferir o ritmo do banheiro, que é o ritmo regional (SOUZA, 1994, p. 125).[9]

As residências são feitas de madeira e cobertas por telhas de alumínio ou amianto; poucas são as que ainda são cobertas por palha. Há uma área de uso comum, onde se localizam uma igreja, uma escola de Ensino Fundamental, um campo de futebol e um chapéu de palha ou sede comunitária para reuniões e festividades. Esta área representa a centralidade da comunidade, no que se refere às decisões a serem tomadas, não importando sua localização (CRUZ, 2007). [10] No subtema Educação do Campo e Práticas Escolares, as questões teóricas levantadas e debatidas são muitas. Sinteticamente, pudemos ver que os artigos lidos mostram que o espaço educacional não é privilégio somente da escola. Ele é o lugar da vida e do trabalho: a casa, a oficina, o templo, o barco, a floresta, a casa de farinha, o quintal. Espaço que reúne pessoas e tipos de atividades e onde o viver e o fazer fazem o saber. A educação é, portanto, fundamental para a humanização e a socialização do homem e da mulher. Podemos afirmar que se trata de um processo que dura a vida inteira e que não se restringe à mera continuidade, mas supõe a possibilidade de rupturas pelas quais a cultura se renova e o homem faz a história. A gestão democrática constitui 19 CPC 1: Educação do Campo e

Desenvolvimento um dos grandes desafios da Educação do Campo, pois sem o esforço coletivo dos “usuários”, no empenho de solucionar as situações mais simples ou complexas, não há como ser democrática. [11] Acopla-se nesta imbricação a transversalidade. Criado por Guattari na formulação teórica da psicoterapia institucional, relaciona-se à produção de outros modos de ser, afetar/afetar-se e fazer, pela superação do plano cartesiano, e pela potencialização de novos agenciamentos, de alternativas ao desejo (GUATTARI, 1986). [12] Como esclarece Silva Gallo (2008, p. 76), a metáfora do rizoma subverte a ordem da metáfora arbórea, que tradicionalmente caracteriza a estrutura hierárquica e fragmentária do conhecimento. Ao propor regular o fluxo de informações pelos caminhos internos da árvore do conhecimento, este paradigma fechado, paralisa. Os rizomas, sempre abertos, fazem proliferar.[13] Toda máquina é uma rede complexa de partes em comunhão simultânea, são máquinas dentre de máquinas sociais, em que cada parte do sistema é ela própria uma máquina, as quais estão conectadas nesse imenso rizoma e que produz potência e consequentemente ações. Convém situar que o adjetivo maquinico não se propõe a descrever a realidade tendo por modelo a máquina, não se refere a maquinismo ou mecânica. Com este conceito Deleuze e Guattari (1976), privilegiam a ideia de funcionamento, de produção, de interação. [14] Conforme Guattari (2006), com o capitalismo e a ideologia liberal produziu-se uma nova organização dos indivíduos no mundo do trabalho, com novas formas de compreender o mundo, de travar relações entre si e de se perceber individualmente, gerando o que foi denominado como *modo de subjetivação capitalístico*. Mas os modos de subjetivação, ou seja, os diferentes modos de produção de subjetividades, não estão restritos às sociedades capitalistas. Um modo de subjetivação está sempre ligado à busca de uma estabilização da subjetividade em torno de certo tipo de relação, que é diferente nos vários momentos históricos, e se estende à produção de um determinado tipo de configuração do campo social. [15]. Portanto, a subjetividade é fruto de um agenciamento social múltiplo, assumida e vivida em suas existências particulares, e está em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos. Não pode ser encarada como uma coisa em si, uma essência imutável, pois os modos de existência – ou de subjetivação – são históricos e mantêm estreitas relações com uma conjuntura especificamente considerada. Estudar o estabelecimento escolar observando cenas do cotidiano, espaço físico, agentes institucionais e estudantes. Constituir uma caracterização das avaliações e expectativas da escola ribeirinha presente nas práticas pedagógicas, identificando mecanismos que potencializem novas subjetivações. Caracterizar a comunidade e a ótica histórica social e política ancorada nos postulados da esquizoanálise. O estudo desenvolvido para fundamentar esta tese partiu das inquietações inerentes à prática pedagógica desta pesquisadora, tanto na universidade como nas escolas públicas onde se envolveram projetos, objetivando compreender a dinâmica da vida cotidiana em uma comunidade ribeirinha, e o papel desempenhado pela escola nos processos de mudança social, na relação saber acadêmico/saber tradicional. Interessava conhecer a multiplicidade de vozes presentes, as práticas instituídas e as forças em contraposição. O trabalho de campo consistiu em um estudo de caso de cunho etnográfico, ancorado no referencial teórico-metodológico da análise institucional. Privilegiou-se o estudo de caso, considerando que o caráter exploratório possibilitaria a configuração de uma análise descritiva pormenorizada, permitindo profundidade na investigação, explorando características inéditas e dimensões até então pouco ou não conhecidas. Neste capítulo, apresentam-se os resultados obtidos a partir da análise dos documentos, dos registros das observações e das entrevistas. Iniciou-se com uma breve caracterização do bairro e da comunidade. Sua história de ocupação traz informações significativas para a análise das mudanças ocorridas na localidade. Este tópico refere-se à discussão de aspectos relevantes que emergiram com os resultados, e tem no Institucionalismo e na Filosofia da Diferença o suporte teórico- metodológico para compreensão das questões e objetivos propostos nesta tese. Procurou-se organizar esta discussão a partir dos agrupamentos e temas propostos, entendendo que esta divisão não divide; é apenas uma tentativa didática para situar algumas questões que atravessam todo o processo.

Considerações parciais

Este estudo ajudou a conhecer o modo de vida de uma escola rural ribeirinha, revelando o abalo causado pelo avanço desordenado das metrópoles bem como dando ênfase os problemas inerentes às práticas pedagógicas e a relação escola- comunidade. Buscou-se problematizar práticas, evidenciando seus efeitos no modelo social, histórico e cultural originários.

Utilizaram-se como estratégias de pesquisa a observação participante, a análise documental e entrevistas individuais com professores e moradores, apoiando-se no referencial teórico-metodológico da Análise Institucional, e da Esquizoanálise. Como resultado, apresentou-se uma descrição da comunidade e da escola, procurando-se trazer algumas cenas de seu cotidiano, bem como as concepções e expectativas dos agentes institucionais e de sua clientela sobre a escolarização. Também se chamou atenção para as mudanças que afetam esta comunidade rural, em virtude da acelerada expansão urbana, que promove impactos em seu modo de vida.

REFERÊNCIAS:

- [1]. **Verbascos- Brasileiro** <<https://verbascos-brasileiros/geografia/metropolizante>>. Acesso em: 31 maio 2024.
- [2]. **Jornal - USP** <<https://jornal.usp.br/atualidades/crescimento-desordenado-das-cidades-provoca-diversos-problemas/>>. Acesso em: 30 maio 2024.
- [3]. **IFRO** <<file:///C:/Users/IFRO/Downloads/solutions,+A7.pdf>>. Acesso em: 21 maio 2024.
- [4]. **Sócio Ambiental** <<file:///C:/Users/IFRO/Downloads/A%20fun%C3%A7%C3%A3o%20soc>>. Acesso em: 16 maio 2024.
- [5]. BRASIL. Decreto nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais – PNPCT. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 08 fev. 2007.
- [6]. SANTOS, J. R. Processos socioculturais na Amazônia. Em: POSSIDÔNIO, R.; TADA, C. **Amazônia: desafios e perspectivas para a missão**. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 109-132.
- [7] **Fio Cruz** <<https://www.epsjv.fiocruz.br/upload/d/Vendramini.pdf>>. 23 maio 2024.
- [8]. Decreto.D6040 <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007_2010/2007/Decreto/D6040> Acesso em: 22 maio 2024.
- [9]. SOUZA, M. **Breve história da Amazônia**. 2. ed. São Paulo: Marco Zero, 1994.
- [10]. CRUZ, M. J. M. **Territorialização camponesa na várzea da Amazônia**. 2007. 261 p. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- [11]. A pesquisa no cotidiano escolar. Em: FAZENDA, I. **Metodologia da pesquisa educacional**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- [12]. GUATTARI, F. ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo** Petrópolis, RJ: Vozes, 1986. cap. II. Subjetividade e história, p. 25-61.
- [13]. SILVA, J. B. **Unidades de conservação e organizações de populações tradicionais**

sul- amapaenses: problemas, tendências e perspectivas. 2007. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável no Trópico Úmido), Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.

[14]. GUATTARI, F. **As três ecologias**. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. 17. ed. São Paulo: Papyrus, 2006.

[15]. DELEUZE, G. **Foucault**. Tradução de Claudia Martins. São Paulo: Brasiliense, 2006a.